

GT 06 – NARRATIVAS DE VIDA: SABERES, SENTIDOS E EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO

A EXPERIÊNCIA NO MUNDO DA LEITURA: O *FLASHBACK* DE UMA VIDA

Luana Alves de Lima
URCA – Missão Velha
lua.lima016@gmail.com

Prof^a. Ma. Paula Perin (Orientadora)
URCA – Missão Velha
paula.perin@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade relatar minha trajetória de experiência do contato com o mundo da leitura através de marcos que se construíram na minha vida. A atividade de narrar leva o nosso eu do presente a dialogar com nosso eu do passado. Utilizamos o método autobiográfico e biográfico tal como expressam Thomson (1997), Frison e Simão (2011), Piovesan (2007), Souza (2007), Martins (1988), além de autores que abrangeram no seu campo de estudo as contribuições para a formação de leitores, ressaltando assim que, a execução da escrita do memorial conta com uma reflexão daquilo que fomos, desde a nossa infância até o que somos hoje, acrescentando ainda que, acontece um flashback em muitos momentos, é verdadeiramente uma viagem, voltamos ao tempo, é a oportunidade de vivenciarmos por uns pequenos instantes momentos emocionantes. A partir desse estudo foi possível constatar que a nossa formação enquanto leitor acontece em todas as etapas de nossas vidas, que a família, a escola e a Igreja são colaboradores desse processo, sendo que, quando o leitor é formado no âmbito familiar, ou seja, quando ele tem contato com a leitura em casa, adquire mais facilidade para lidar com signos, além de desenvolver um senso crítico mais cedo.

Palavras-chave: Experiência. Leitura. Narrativa de vida.

1 INTRODUÇÃO

Este memorial tem como finalidade relatar minha trajetória no mundo da leitura através de marcos que se construíram na minha vida. A ideia se deu a partir de uma proposta apresentada durante a disciplina eletiva de Oficina de Literatura Infanto-juvenil do curso de Letras/Português na Universidade Regional do Cariri (URCA), *Campus* Missão Velha. Inicialmente a proposta era pra ser um trabalho oral, mas em ocasião a Semana de Letras mudou para escrito.

No início foi bem dificultoso, mas aos poucos foi se tornando uma atividade prazerosa, é um verdadeiro *flashback* que nos leva ao encontro com o nosso eu do passado, dialogando com o nosso eu no presente. O que acontece é que, quando escrevermos sobre nós

mesmos, exige-se um esforço maior. Afinal, tudo aquilo que escrevemos alcançará outras pessoas, outro mundo diferente do nosso e isso de certa forma nos preocupa.

A fundamentação teórica encontra-se baseado em pesquisa bibliográfica, destacando os autores Frison e Simão (2011), Piovesan (2007), Ferraroti (1988), Vieira (2004), Martins (1988), entre outros autores que se fizeram necessários.

Através do método (auto)biográfico, as nossas lembranças se transformam em linguagem, cada recordação é importante para a consolidação da trajetória da nossa vida refletindo no nosso presente e naquilo que somos. Segundo Piovesan (2007):

A autobiografia permeia o campo da memória, a formulação de texto sobre a própria trajetória de vida se faz através de um recurso da memória, resultada da lembrança que se transforma em linguagem adicionada à imaginação e ao olhar particular sobre aquilo que se passou, recriando situações a partir do ponto que se fala, do presente que se escreve e se lembra (PIOVESAN, 2007, p.03).

O método biográfico, de acordo com Benelli (2014, p.07) tem obtido cada vez mais espaço nas pesquisas acadêmicas, pois ele “[...]coloca em conexões fenômenos sociais diferentes com a experiência pessoal, de modo a compreendê-la de maneira nova, diferente”.

Sendo assim esse trabalho se encontra dividido em dois tópicos: “Meus primeiros passos no mundo da Leitura”, que trata da minha infância e a formação leitora do Ensino Fundamental até os dias atuais no Ensino Superior e, no tópico seguinte, “As Leituras que marcaram”, abordo a exposição de livros que fizeram parte da minha vida e deixaram marcas especiais.

2 MEUS PRIMEIROS PASSOS NO MUNDO DA LEITURA

O ato de narrar é próprio do ser humano. Frison e Simão (2001) afirmam que, quando narramos a si mesmos, aos outros, e à vida, ressignificamos “[...] experiências, vivências, aprendizagens, dando-lhes novo significado” (FRISON & SIMÃO, 2001, p.198). Neste sentido, empreendo aqui a tarefa de narrar a mim mesma como leitora, construindo sentidos em relação à leitura ao longo de minha vida escolar e acadêmica.

Como destaca Souza (2007),

A memória é escrita num tempo, um tempo que permite deslocamento sobre as experiências. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existências do sujeito narrador (SOUZA, 2007, p. 64).

Confesso que vai ser um pouco trabalhoso, mas ao mesmo tempo uma atividade prazerosa. Dizem que “recordar é viver” e sem dúvidas a experiência no mundo da leitura é um marco importante na vida de qualquer ser humano. Acredito que o primeiro contato de todos nós com a leitura foram como ouvintes, as histórias contadas por nossos pais e avós nos levam ao mudo de descobrimento de uma ideia construída de início, meio e fim, de histórias com finais tristes e alegres e que perpetuará nosso cognitivo para sempre.

Sempre morei na Vila Pinheira, dos filhos eu sou a segunda, então meu irmão mais velho tem uma parcela de contribuição. Lembro-me de que ele ia para escola e, quando chegava, fazia reforço escolar com meu tio, que focava mais na ortografia dele. Um dia, meu irmão saiu e deixou sobre a mesa o livro, o caderno e o lápis. Eu sequer imaginava o que era aquilo, o que tinha em mente era somente a imagem dele escrevendo (hoje tenho conhecimento que esse é o nome). Tive a ousadia de olhar o texto e fazer o mesmo que ele estava fazendo: olhava para o texto e copiava no caderno. Ler? Não sabia, nem imaginava que teria essa etapa de vida.

Ao retornar e ver que a tarefa estava feita, meu irmão ficou todo feliz, pois por incrível que pareça, eu dei continuidade à lição onde ele tinha parado. Entretanto, quando ele foi mostrar ao meu tio, este percebeu que tinha dois tipos de letras e o fez refazer a lição novamente. Muitos risos eu provooco ao recordar desse acontecimento, que concebo como o meu primeiro contato com os livros.

Como já havia dito, o nosso primeiro contato é como ouvinte, meu avô, já falecido contava-nos histórias. Tínhamos o costume de toda noite nos reunirmos com ele, momento de muita descontração. Ele tinha uma facilidade para inventar histórias. O mais incrível é que sempre nos deixava uma lição de sermos obedientes aos nossos pais. Meus primos e eu sempre fazíamos perguntas, porque o nome dos personagens era igual ao nosso, tinha as mesmas características, a mesma idade, a maneira que nos conduzia era de forma amorosa, tão cuidadosa, que a noite era a parte mais esperada do meu dia.

Sempre estudei em escola pública. Engraçado, até os meus primeiros rabiscos estão vindo à minha mente. A professora da alfabetização sempre levava textos para sala de aula, trabalhava as sílabas. Quando ela lia era fantástico, entendi que aprender a ler assemelhasse a aprender a andar. A gente vai engatilhando, engatinhando, até andar em passos largos. Minha maior motivação para aprender a ler foi a formatura do ABC, pois fui escolhida para ler um pequeno discurso. Eu treinava dia e noite, esperava ansiosamente por conseguir ler. Quando consegui, foi uma festa, uma alegria que não cabia no meu coração. No grande dia, o

nervosismo tomou conta de mim, afinal ali estava repleto de pessoas, não somente meus colegas. Enfim deu tudo certo, na minha cabeça ali era o ápice.

Fui evoluindo até chegar ao Ensino Fundamental, daí então fui descobrindo que muito mais tinha a aprender. A frase “Ler é viajar sem sair do lugar”, estampada na parede da sala de aula, despertou um interesse misturado com curiosidade: “como assim, viajar sem sair do lugar”? Aquilo era um enigma pra mim, não entendia, não compreendia, mas também não perguntava. Fui seguindo com essa frase na minha mente. Já lia pequenos livros como “Chapeuzinho Vermelho”. O contato com os livros em casa me ajudou a não ter tanta dificuldade na escola, pois como afirma Vieira (2004, p. 6), “o leitor formado na família tem um papel pouco diferenciado daquele outro que teve contato com a leitura apenas ao chegar à escola”. Neste sentido, quando no âmbito familiar se tem a oportunidade de sermos leitores, desenvolvemos o senso crítico mais cedo e temos mais facilidade de inserção no universo letrado.

Os livros que tinha contato nos anos iniciais de escolarização estavam voltados mais para visual, ou seja, através das ilustrações era possível fazer uma predição do que ali tratava a história. Esse primeiro contato, segundo Martins (1988), propicia às crianças “a descoberta de um livro como objeto especial, diferente dos outros brinquedos, mas também fonte de prazer” (MARTINS, 1988, p.43).

No dia da família na escola, minha sala foi responsável por apresentar a música “O Cravo e a Rosa”. E assumi o papel de Rosa. Para fazê-lo, era necessário saber ler. Dediquei-me com afinco e lembro-me de que a apresentação foi linda.

O mais fantástico é que a leitura te acompanha além das quatro paredes de uma sala de aula. Ela é para a vida. Está presente no simples cartaz de propaganda até nos maiores livros. Vim de uma família que professa a Fé Católica Apostólica Romana. Sempre fui às Missas e o que mais me chamava atenção era a parte da Liturgia da Palavra, no qual leigos proclamam as leituras sugeridas naquele dia. Meu coração ansiava por estar ali, pois eu sabia que não era meramente ler, eu ouvia entre as pessoas que era necessário fazer uma boa leitura, pois o modo como se lê, em voz alta e com a adequada entonação da voz, tinha por objetivo comunicar corretamente, através da leitura, “a Palavra de Deus à assembleia”.

Meu sonho de ler na Igreja só crescia a cada dia, era como se meu mundo de leitura só se concretizasse quando eu conseguisse, até pedia nas minhas preces para Deus conceder esse dom. Era assim que eu escutava das pessoas, então eu me doava. Até que um dia meu tio me fez um convite para proclamar. Recordo-me que era a primeira leitura (que sensação boa

lembrar esse dia). Foi um dia espetacular. Daquele dia em diante passei a fazer parte da Pastoral Litúrgica na qual tenho maior orgulho de fazer parte até os dias de hoje.

Ao ingressar no Ensino Médio, fui aos poucos gostando das obras literárias, dava uma satisfação concluir a leitura do livro. Em 2014, o livro mais procurado em nossa escola era “A marca de uma lágrima”, de Pedro Bandeira. O livro não parava nas prateleiras da biblioteca, foi um verdadeiro fenômeno.

Durante o Ensino Médio, pude fazer parte do “Chá Literário”, projeto interdisciplinar que tinha por objetivo motivar os alunos para a leitura literária. Ao término de determinado período, havia um momento para a socialização das leituras. Eu amava participar, era um momento riquíssimo, que só comprova que podemos aprender além das quatro paredes da sala de aula. O professor assume um papel importante nesse plano de apresentar o mundo da leitura aos alunos, independente da sua bagagem leitora, ou seja, “a maneira que o professor realiza essa tarefa será decisiva para despertar ou não o interesse pela leitura” (RAIMUNDO, 2007, p.109).

Em 2015, ingressei no Ensino superior. Criei tantas ideias sobre essa etapa e nenhuma se confirmou. Tive contato com textos acadêmicos, adquirimos autonomia para sermos pesquisadores e escritores e, mais do que isso, de contribuirmos para posteriores estudos com a publicação de artigos.

Apesar das opiniões contrárias quanto à minha escolha acadêmica e profissional, foi na universidade que consolidei meu apreço à Literatura. Foi nesse cenário em que realmente compreendi a importância, o seu caráter transformador da literatura na vida das pessoas.

2.1 As leituras que me marcaram

Depois de realmente aprender a ler, tudo o que encontrava lia. Dado esse interesse, passei a ganhar livros de presente. O primeiro foi uma Bíblia, pois eu fazia parte um projeto chamado “Santas Missões Populares” que orientava a leitura de todo o evangelho de São Lucas. Era um desafio para mim, pois ainda era iniciante na leitura, mas com o auxílio do grupo de estudo eu ia assimilando as leituras.

Sempre tem aquele livro que marca a nossa vida, aquele livro que, por um minuto, gostaríamos de sermos o escritor dele para darmos um novo rumo àquela história. No meu caso, esse livro foi “Amor de perdição” de Camilo Castelo Branco, porque quando nos deixamos envolver por aquilo que lemos, nós adentramos nesse mundo. Foi isso que aconteceu comigo. Como queria estar lá para não deixar Mariana se jogar naquele mar por um

amor não correspondido... Também me inquietava o fato de saber se Capitu traiu ou não Bentinho em “Dom Casmurro”. Apesar de já ter lido essas obras outras vezes, a leitura não perde seu valor, nos atentamos a coisas que antes não tínhamos percebidos. Neste sentido, Calvino (1999) declara que “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha pra dizer. Toda leitura de um clássico, é uma leitura de descoberta com a primeira” (CALVINO, 1999, p.01).

A minha entrada na Pastoral Litúrgica foi um grande marco. Todas as segundas feiras nós nos reuníamos para as leituras dos textos bíblicos e trabalhávamos, além da compreensão dos textos, estratégias para se fazer uma boa leitura em voz alta. Até hoje existem esses encontros os quais não sou mais tão presente, em virtude das aulas de graduação.

Ao longo dessa reflexão, percebemos que as histórias que relembramos:

[...] não são representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e nos moldam para que se ajustem as nossas identidade e aspirações atuais. Assim podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido (THOMSON, 1997, p. 57).

Ao longo do tempo, percebi que, na verdade, a nossa etapa como ouvinte nunca acaba. Um escritor com mais de cem livros publicados continua sendo ouvinte. Essa é uma atividade necessária na construção de um bom escritor, ou seja, somos eternos leitores. Lajolo (1993) enfatiza que: “Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se lê livros geralmente nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida”. Dito isso, ressalto que a leitura tem essa dimensão de transformar, ajudar e dialogar com o nosso humano, com o social, com emocional, com nossa vida.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo minha trajetória leitora ao longo de minha formação escolar e acadêmica. A partir desse estudo foi possível constatar que a nossa formação enquanto leitor acontece em todas as etapas da vida. A família, a escola e as instituições religiosas desempenham um importante papel na formação do leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO. (Tradução Nilson Moliun). **Por que ler os clássicos**. Companhia de Letras, 1999.

FRISION, L. M. B.; SIMÃO, A. M. V. **Abordagem (auto) biográfica**: narrativa de formação e de autorregulação da aprendizagem revelada em portfólios reflexivos. Porto Alegre: Educação, 2011.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 8. ed. São Paulo: Brasilense, 1988.

RAIMUNDO, A. P. P. A mediação na formação de leitores. *In*: COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 3., 2007, Maringá. **Anais...** Maringá, 2007. Disponível em: <http://ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos/literarios/pdf_literarios/010.pdf> . Acesso em: 10 fev. 2019.

PIOVESAN, G.K. **Biografia, trajetória e história**. Florianópolis: 2007. Disponível em: <[HTTP://www.cfh.Ufsc.br/abho_abho4/pdf/Greyce/20kely.pdf](http://www.cfh.Ufsc.br/abho_abho4/pdf/Greyce/20kely.pdf)> . Acesso em: 10 fev. 2019.

SOUZA, E. **(Auto) biografia**: História de vida e prática de formação. Rio de Janeiro: Scielo Books, 2007.

THOMSON, A. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e a memória. REDIB v.15, p.51-84, São Paulo, 1997.

VIEIRA, L. A. **Formação do leitor**: a família em questão. v. III. Belo Horizonte: Seminário Biblioteca escolar, 2004.